

MARIANA ESTEVES
LABIRINTOS



MANDALAS DE
CELINA ROZENBLUM LEFELMAN



EDIÇÃO DA AUTORA

*Para minha amada
amiga e poeta
preferida no
mundo, Roseana.
Âncora, cais,
norte.*

M.E.

APRESENTAÇÃO

"O que nos resta
senão fiar cordas
sem fim de poesia?"

pergunta Mariana, em seu tear mágico de fiar
poesia.

Seus poemas são encantatórios e musicais,
onde fala, pergunta, desafia nossos desafios
como mortais que somos.

Quase a vemos pedalar a sua roca,
infatigável, atravessando dias e noites, o
breu e a luz.

Celina Rozenblum desenha suas mandalas em
cerâmica, ela diz que as mandalas chegam
como de um sonho, em azuis e verdes. Mar e
céu, florestas. Sabemos que as mandalas
existem em muitas religiões e Jung se
interessou por elas. Possuem grande força
sobre nossa alma, nos acalmam, nos ajudam a
meditar.

As mandalas em cerâmica da Celina se
conectam perfeitamente com a poesia
ondulante da Mariana.

Roseana Murray



Sonar

Debruçar-se no fundo do mar,
peito na areia,
mãos em concha.

Sussurrar para as sereias
que habitam o
breu

para o mistério das
raízes da planta mais
antiga,
enterrada em mundos
subterrâneos

para o magma silencioso
que habita o cerne das
coisas...

e ouvir de volta
no eco das algas,
a direção,
o rastro,
a nascente.

VIAJANTE

Debruçada na janela
de meus sonhos
avisto o futuro.

O frio na barriga
anuncia
desejo de universo.

No lugar do coração,
estrela d'alva
apontando norte.



GUIRLANDA

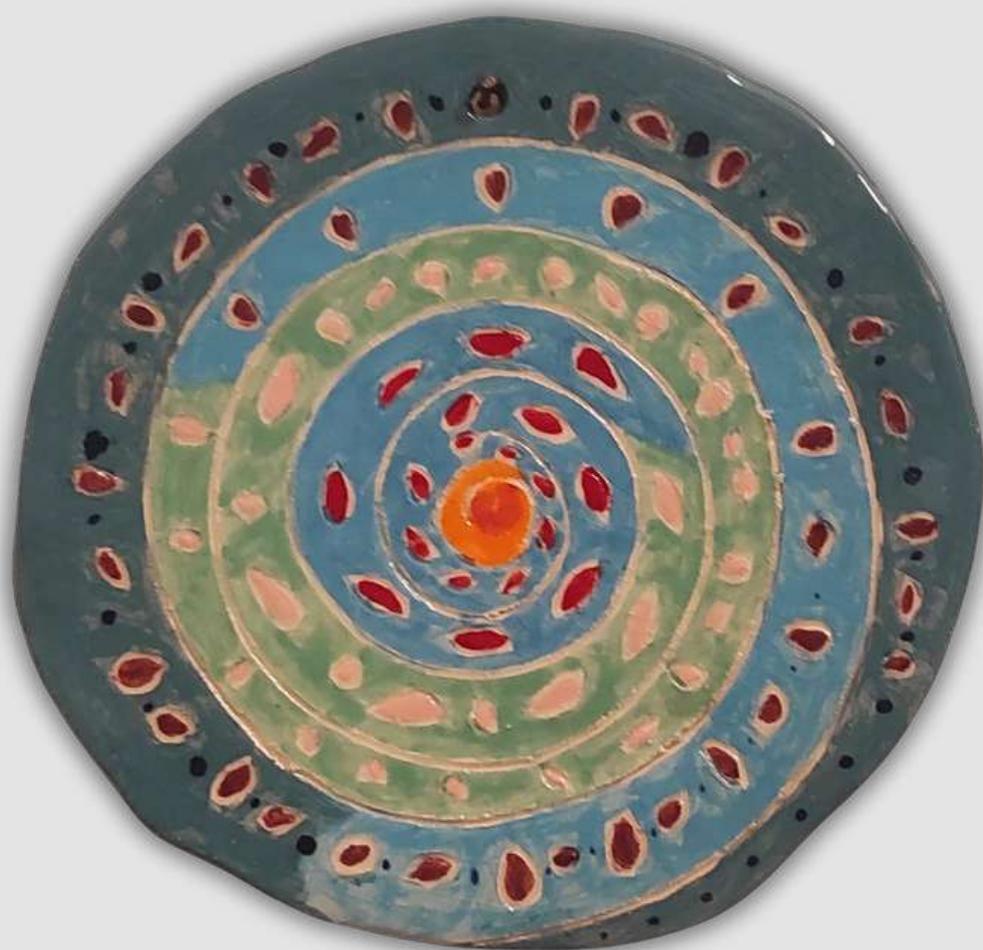
E quando a estrada
à frente é de exílio?
O que fazer com os cacos
despedaçados de memória
que cortam a pele
do tapete em que pisamos?
E quando a trilha é feita
de brasa
ou areia movediça a
nos sugar para os calabouços de
respostas escritas do avesso?
O que nos resta,
senão fiar
cordas sem fim
de poesia,
e ir amarrando pelos
milênios afora,
laços de coragem?

BÚSSOLA

Como uma arca
de jóias
perdida no fundo
do mar,
recolher a carcaça
dos desejos naufragados.

Dela,
retirar cada cristal,
um por
um.

Jogar no fogo
essas jóias,
para derretê-las,
para delas criar
novos amuletos
que refulgem
na direção da luz.



ATLAS

Arte pra alma
voltar para o
corpo,
dança pra alma
voltar para o
corpo,
música pra alma
voltar para o
corpo.
Bate palma,
roda a saia,
poesia.
Pra alma ficar contente
e voltar.

PROCURA-SE

Um caminho com
alguma coisa de sombrio,
de secreto
de suspensa beleza.

Um caminho sem nome,
que se sente na garganta,
mas sussurra para dentro.

Um caminho com pegadas
de gato,
algo de escuta.
Algo de pausa.

Uma estrada de
sentido-semente
por onde brota
o mistério
do mundo.



ASTROLÁBIO

Esse furta-cor da infância,
esse lampejo de vida
que perdi tropeçando,
esse vislumbre da rota,
acordo
todos os dias
na floresta de pedra
para farejar.

Às vezes,
um sopro inesperado,
um cheiro,
um riso,
um eco,
como miolos de pão
na terra,
cintilam o caminho.

ASAS

Caos, chuva de lava,
cortes, panteras,
cobras, sangue,
terremotos,
maremotos,
furacões.

Por fim, retiro a cabeça
da caixa que construí com cinzas,
olho para o lado.

Uma andorinha atravessa meu
olhar.



CARAVANA

À minha direita, guerreiras
ondulando leques.
À esquerda leopardos
arrancando tapetes.
À minha frente orda de lobos
farejam poeira,
atrás legião de bruxas
em vassouras.

Para varrer a casa.

CORAGEM

Para negar os dragões
que se esquivam
em minha mente.

Para flutuar uma lupa
sobre o rio turvo
de bonecas rasgadas.

Para subir o último
lance de escadas
inalcançável,
cravejado de gritos
e silvos.

Para pegar meu
medo nos ombros e,
a cada curva,
correr com os lobos.

Para amar.

FAROL

Encontrar pelas
trilhas intrincadas
da jornada
nossas amigas-irmãs,
que tornam a estrada
possível.

Encontrar essas andarilhas
que transformam os dragões
em aventura,
que mastigam nossos espinhos,
folhas secas
e pedras,
e abrem clareiras no escuro.

A essas lobas,
sopro um dente-de-leão,
sopro as sementes
de seus desejos mais
profundos,
para que encontrem
na direção da luz,
vaga-lumes dourados.



CARTOMANTE

Nas entrelinhas, uma
encruzilhada me questiona.

Para encontrar a
resposta,
subo na torre fulminada,
indago a rainha,
escuto atentamente,
o louco.

Para decifrar o enigma,
consulto o chapéu
do mago, uivo
para a lua,
inquiri até o diabo.

Para encontrar
a chave, o sol,
o ás de copas,
convoco a coruja
de quatro asas
que mora entre meus
olhos.

Com um sorriso no bico
ela cintila
um brilho
sobre o caminho da estrela.

OLHO DE TIGRE

Para ver por dentro das coisas,
bater na porta com
pluma de escuta e tempo.

Deixar na soleira da entrada,
de oferenda,
licor de nuvem e alcaçuz.

Para ver por dentro das coisas,
debruçar-se com patas de gato e
e vislumbrar os entremeios,
as frestas,
os sons esquecidos na janela das sombras.

Abrir o cadeado da noite
com chave feita
do canto de um rouxinol e
sussurrar
no vão dos alçapões.

Para ver por dentro das coisas.



ROSA DOS VENTOS

Quando o mapa do tesouro
escapa da mão
e se perde no abismo,
e a visão fica turva
de poeira e
neblina,
é preciso escavar.

Escavar para encontrar
nos ossos da memória, as
lembranças-vértebras
que nos alinham ao eixo de
nossas terras,
que nos mostram por
nossas próprias raízes-pegadas,
espalhadas pelo chão do tempo,
as pepitas de caminho.

TRÊS MARIAS

Catar as bolinhas de gude
recolhidas no tempo
para jogar na terra,
como pedrinhas
de luz
apontando o caminho.
Procurar o rastro
dos sorrisos perdidos
esquecidos,
lembrar que quando
pequena
enxergava figuras
nos veios da madeira
que sustentava
o teto de
meus anseios.



CALABOUÇO

Como vidro embaçado,
ilha sem barco,
como chuva de neblina,
miopia,
como deserto,
casa trancada,
como se esfregasse a
lâmpada
e o gênio não aparecesse,
como se o sapatinho de cristal
não escapasse do pé,
como trança da Rapunzel, cortada,
maçã envenenada, mordida.

Assim a vida sem sonhar.

ARTÉRIA

Pé
ante
pé,
com meias de veludo,
carregando um incenso
de lírios na ponta dos
dedos,
percorrer a corda-bamba
da delicadeza,
o compasso inaudível
que leva
ao coração do outro,
a porta que libera o
sangue pisado, que
flui alma
veia a dentro.

CLARABOIA

A poesia é uma casa
para despir
o avesso do corpo.
Para beber um cálice de delicadeza.
Alguns cálices.
Para reunir em volta da fogueira,
os sonhos moídos
no asfalto do tempo
e lhes dar de comer.

Uma casa para cantar
palavras-chaves de abrir o coração,
plantar na terra pulsante do quintal,
sementes de leões,
ouvidos de ouvir,
vozes de derreter o medo.

Uma casa solar e lunar,
com ar de lar.



CANTIL

Se a jornada alcança o
solo da dúvida,
e a alma seca,
perdida
em seus torvelinhos,
convém verter no coração,
bem baixinho,
cachoeiras de carinho.

Convém ir cintilando,
em constância de conta-gota,
a água limpa que rega
a flor secreta da
coragem.

Convém enluvar
o corpo
em mar de amor.

Para encontrar a água
que mata a sede de vida,
girar a ampulheta
da aurora
com mãos de presente.

Para regar de oásis o olhar.



FICHA TÉCNICA

“LABIRINTOS”

POEMAS

Mariana Esteves

MANDALAS

Celina Rozenblum Lefelman

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha



EDIÇÃO DA AUTORA